

Rediscutindo o conceito de interatividade*

Márcia Fonseca de Amorim**

RESUMO

Neste estudo procuramos analisar alguns elementos encontrados na superfície textual das diversas produções lingüageiras, faladas ou escritas, que constituem verdadeiros indícios de interatividade. Trata-se de uma estratégia textual-discursiva que, além de estabelecer uma relação direta entre os interlocutores engendrados num evento comunicativo, tem por objetivo organizar a estrutura argumentativa dos textos, de forma a garantir o sucesso da interação.

Palavras-chave: Marcas de interatividade; Argumentação; Estratégias textual-discursivas; Dialogismo.

O estudo das características inerentes aos vários textos que perpassam a atividade languageira vem conquistando, cada vez mais, espaço no âmbito das pesquisas lingüísticas e, embora muitas discussões tenham sido propostas sobre o assunto, ainda há muito que discutir, principalmente no que se refere à questão da argumentação presente nos diversos gêneros textuais que circulam nas diferentes esferas da sociedade. Não se trata de uma questão atual; as contínuas reedições dos livros de Aristóteles (1964, 1978) testemunham que, desde a Grécia antiga, tem havido grande interesse em relação às pro-

* Este texto constitui apresenta dados de minha dissertação de Mestrado, defendida na PUC Minas, em 2003.

** Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Alto São Francisco.

duções lingüísticas, tendo em vista a descrição proposta pelos retóricos da época das partes convencionais do discurso, ou seja, desde aquela época procurou-se especificar tipologias do discurso com destaque para o desenvolvimento da argumentação.

Nas últimas décadas, porém, os estudos sobre as manifestações lingüísticas se intensificaram e pesquisadores de vários países puderam mostrar ao mundo suas descobertas no campo da linguagem. Com isso, novos domínios da Lingüística surgiram, visando a um estudo mais dinâmico e mais abrangente das produções humanas. Entre esses domínios podemos citar o da análise de textos e o da análise de discursos, ressaltando que ambos concebem o texto como unidade semântico-formal e sociocomunicativa. Dentre as discussões propostas pelos estudos lingüísticos, encontra-se a relação entre fala e escrita, tratada em princípio como uma relação dicotômica e mais recentemente em termos de um contínuo. Muitos autores têm desenvolvido trabalhos de extrema relevância sobre as características que permeiam essas duas modalidades de uso da língua. A língua falada, concebida anteriormente apenas como algo “primário”, passou a ser tratada juntamente com a escrita como uma das possibilidades de uso da língua com toda a riqueza e complexidade que a envolve. Da mesma forma, a escrita deixou de ser tratada como superior à fala. Sabe-se hoje que ambas têm seu grau de importância nas diversas instâncias da sociedade moderna e ambas apresentam especificidades relacionadas ao modo como são concretizadas e à função social dos textos produzidos em cada situação de interação (oral ou escrita).

Fala e escrita são realizações de um mesmo sistema lingüístico. As regras de efetivação de cada uma e os meios empregados para essa efetivação são diversos e específicos, o que faz com que ambas apresentem, de uma maneira geral, pontos distintos, mas não suficientes para se falar em uma dicotomia entre elas. Tanto na fala quanto na escrita encontramos elementos que exercem funções interacionais, ou seja, que procuram estabelecer um elo entre os indivíduos comunicantes a fim de que a comunicação seja bem sucedida. Tais elementos,

de caráter multifuncional (exercem uma multiplicidade de funções), desempenham um papel determinante na articulação dos constituintes de um texto e, sendo assim, são em grande parte responsáveis pela textualidade desse texto.

Na fala, esses elementos têm sido amplamente estudados por diversos pesquisadores de várias nacionalidades ligados à análise da conversação sob a denominação de marcadores conversacionais.¹ Uma série relativamente extensa desses elementos tem, de acordo com Marcuschi (1989, p. 89), sua motivação em seis fatores:

- 1) princípio de defesa das faces;
- 2) processos de negociação;
- 3) processos de hierarquização dos atos;
- 4) estratégias metacomunicativas;
- 5) mecanismos organizacionais da conversação;
- 6) processos de organização textual (do texto oral).

Marcuschi, ao estudar os marcadores conversacionais, retoma a discussão proposta por Goffman (1967), posteriormente estudada por Brown/Levinson (1978), sobre a auto-imagem pública dos falantes (face). Para esses autores, todo indivíduo tem uma face negativa e uma positiva: a primeira relacionada à defesa da liberdade de ação do indivíduo e da não-imposição do outro e a segunda relacionada ao desejo de aprovação e reconhecimento da personalidade e vontade desse indivíduo. Cada indivíduo procura, a todo momento, preservar sua face frente às imposições de uma determinada situação de interlocução.

Os marcadores conversacionais atuam na estrutura gramatical de um texto e, desse modo, a presença deles é relevante para o encadea-

¹ Os marcadores conversacionais constituem elementos de caráter verbal (palavras, sintagmas, expressões estereotipadas e mesmo orações inteiras) e não-verbal ou suprasegmentais (compreendem os contornos entoacionais ascendentes, descendentes ou constantes; as pausas, silenciosas ou preenchidas; o tom; o ritmo; os alongamentos) que desempenham função interacional comunicativa. Como exemplo de marcadores conversacionais de caráter verbal, temos: aí, então, viu, sabe, entende, olha, veja bem, eu acho que, eu quero dizer que, o que eu estou querendo dizer é, etc.

mento verbal e o processamento da informação, uma vez que sinalizam a postura do falante em relação ao outro e ao dito. Contudo, não constituem uma classe gramatical própria: trata-se de elementos de diferentes classes gramaticais que, em determinadas situações comunicativas, atuam como organizadores do discurso. Para Castilho (1998, p. 47), tais elementos “verbalizam o monitoramento da fala, sendo freqüentemente vazios de conteúdo semântico, portanto, irrelevantes para o processamento do assunto, porém altamente relevantes para manter a interação”. Na perspectiva do autor, os marcadores conversacionais podem ser entendidos como:

- 1) sintaticamente independentes do verbo;
- 2) constituídos de um ou de mais de um item lexical, ou ainda de expressões não lexicais;
- 3) atuando no monitoramento da conversação e na organização do texto;
- 4) distribuídos no início, no meio ou no final da unidade de análise.

Se esses elementos, porém, como afirma Castilho, atuam como organizadores textuais e organizadores da interação, não há porque classificar alguns deles como elementos sem função gramatical ou mesmo destituídos de carga semântica – a significação desses elementos resulta da função ocupada por eles numa determinada situação de interação. O que estamos dizendo é que a função exercida pelos marcadores conversacionais deve ser tratada levando em consideração os fatores sintáticos, semânticos e pragmáticos envolvidos em uma atividade linguística. Como a conversação oferece muitos recursos para a manutenção da interação, esses marcadores não ocupam uma posição rígida na cadeia sintagmática, pois o locutor, no curso de uma conversação, “organiza o seu texto o tempo todo, o que lhe dá oportunidade de inserir marcadores conversacionais em qualquer ponto” (MARCUSCHI, 1989, p. 291).

Marcuschi (2001a, p. 37), em seus estudos sobre fala e escrita, questiona o ponto de vista assumido por autores como Chafe (1982), Ochs (1979) e Krol & Vann (1981), que estabelecem uma dicotomia

entre essas duas modalidades de uso da língua: consideram a fala como “concreta, contextual e estruturalmente simples” e a escrita como “estruturalmente elaborada, complexa, formal e abstrata”. O que ocorre na verdade é que “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos opostos” (MARCUSCHI, 2001a, p. 37).

Outra característica estabelecida por esta dicotomia diz respeito ao caráter interativo explícito da fala e ao distanciamento da modalidade escrita, uma vez que nesta ocorre um distanciamento físico e, muitas vezes, temporal dos interlocutores. Para o autor (MARCUSCHI, 2001b, p. 1), “a interatividade concretamente inscrita na textualidade foi investigada quase que exclusivamente na fala, o seu desconhecimento na escrita levou muitos escritores a postularem que a escrita não apresentaria marcas de interatividade explícita”. Isso fez com que a escrita fosse vista como a linguagem do distanciamento e a fala como a linguagem da proximidade. O fato de na escrita haver um distanciamento físico entre os interlocutores não impede que o locutor deixe em seu texto marcas que auxiliarão o leitor na compreensão da mensagem contida ali. Tais marcas podem ser descritas como uma atitude de cooperação do locutor para com seu leitor, a fim de que haja uma interação entre ambos por meio do texto. Vale enfatizar que a diferença das marcas de interatividade na fala e na escrita está relacionada às estratégias de realização de ambas e aos elementos lingüísticos encontrados em cada modalidade, pois, conforme afirma Rosa (1992, p. 19): “é a relevância interacional do contexto que determina o emprego de uma estratégia específica – e os marcadores específicos – com vistas a manter a cooperação (requisito essencial a toda interação) e a mútua preservação da face dos interlocutores”, ou seja, o contexto em que se efetiva a interação é responsável pela escolha dos elementos necessários a essa interação.

ESCRITA E INTERATIVIDADE

Da mesma forma que na fala, na escrita também encontramos elementos que têm por objetivo estabelecer uma interação direta entre a pessoa que escreve e a que lê. Embora muito pouco tenha sido escrito sobre o assunto, esses elementos podem ser agrupados sob a denominação de marcas de interatividade na escrita e, assim como os marcadores conversacionais, são multifuncionais – apresentam variadas funções em diferentes tipos de interação. Em todas as produções escritas, encontramos marcas de interatividade – pistas lingüísticas – deixadas, estrategicamente, pelo sujeito que escreve, no intuito de estabelecer uma relação direta com o leitor. Tais pistas vêm marcadas na superfície textual e são constitutivas do texto. O estudo dessas pistas ou marcas lingüísticas constitui o ponto central deste trabalho. As marcas deixadas pelo locutor² visam auxiliar e, até mesmo, orientar o leitor no processo de construção de sentido do texto. Trata-se de uma ação de ordem sócio-cognitiva, envolve processamento textual, e também interativa, pois busca-se uma relação de proximidade mediada pelo jogo de imagens que os interlocutores constroem um do outro no curso de uma interação. Afinal, conforme nos ensina Bakhtin (1992), a linguagem é essencialmente dialógica. É necessário ter em mente que essa dialogicidade acontece em qualquer prática discursiva, seja nos moldes orais ou escritos, pois, “quando se escreve, escreve-se para alguém e este alguém (o outro, o interlocutor) está presente no horizonte do escrevente” (MARCUSCHI, 2001b, p. 1). O fato, porém, de analisar marcas de interatividade na escrita, conforme ressalta Marcuschi, não

² O termo *locutor* é empregado neste estudo na mesma perspectiva adotada por Ducrot (1987). Para Ducrot, o *locutor* é o ser do discurso responsável pelo enunciado, refere-se ao *eu* a às outras marcas de primeira pessoa contidas no enunciado. Esse *locutor* distingue-se do *sujeito falante*, ser empírico, aquele a quem denominamos autor do texto. No próprio interior da noção de *locutor*, Ducrot ainda distingue o *locutor enquanto tal* (responsável pela enunciação) e o *locutor enquanto ser do mundo* (pessoa “completa”, origem do enunciado). Ambos caracterizam-se como seres do discurso, “constituídos no sentido do enunciado”.

equivale a afirmar que esta modalidade de uso da língua carrega traços da fala, o que ocorre é “um movimento específico no processo de textualização em que a presença do interlocutor está marcada na própria realização textual” (MARCUSCHI, 2001b, p. 3). Além disso, a intensidade dessas marcas na superfície textual varia em relação ao gênero e ao objetivo do autor. Assim, vamos encontrar tanto textos de diversas naturezas repletos de marcas de interatividade como outros com poucas marcas de interatividade observáveis na superfície textual. O que estamos chamando de marcas de interatividade corresponde, como já foi dito, às diversas estratégias argumentativas utilizadas pela pessoa que escreve para interagir com seu leitor.

Apesar de muitos estudiosos acreditarem na existência de textos totalmente objetivos, nossa intenção é mostrar que todas as produções humanas – faladas ou escritas – carregam em si marcas da subjetividade do autor, ou seja, marcas do *eu falante* ou *eu escrevente*. Mesmo textos escritos em terceira pessoa (como os editoriais) apresentam em sua superfície textual marcas do *eu* responsável pelo enunciado (o editorialista). A suposta objetividade desses textos não condiz com a realidade da linguagem, uma vez que esta é, segundo Benveniste (1989, p. 287), “tão profundamente marcada pela expressão da subjetividade que nós nos perguntamos se, construída de outro modo, poderia ainda funcionar e chamar-se linguagem”. Se a língua, manifestação concreta da linguagem, é um ato interativo, haverá sempre um *eu* e um *tu* inscritos nessa materialidade, ainda que na forma de não-pessoa. O uso da terceira pessoa em textos orais ou escritos pode ser caracterizado, conforme Benveniste (1989), como um artifício para “esconder” a presença do sujeito da enunciação.

Em seus estudos sobre a interação verbal, Goffman (1992, p. 22) defende o ponto de vista de que os participantes de uma interação projetam impressões a respeito deles mesmos, da situação em que se encontram inseridos e dos demais parceiros participantes da atividade comunicativa. Para o autor, o mundo se assemelha a um grande palco onde os indivíduos assumem papéis de acordo com as cenas propostas

pelo ambiente social. Assim, a cada novo papel desempenhado, os atores sociais operam com estratégias lingüísticas específicas que visam garantir o sucesso de sua atuação na situação comunicativa. Essa tomada de atitude reflete nas opções feitas pelo falante, como a escolha do léxico e a estruturação sintática e nas estratégias textualizadas que atuam no texto. Tais estratégias, por sua vez, refletem na imagem que o falante/autor constrói de si mesmo, de seu(s) interlocutor(es) e da produção lingüística, mediadora da interação.

A interatividade inscrita na textualidade constitui o ponto de articulação entre o *eu* falante/escritor e o(s) *outro(s)* ouvinte(s)/leitor(es). Na realidade, trata-se de uma relação marcada por procedimentos discursivos e interativos que se estabelecem entre a pessoa que escreve, o “eu escrevente/locutor”, e a pessoa que lê, “o outro – leitor”, e do “eu escrevente/locutor” com o dito. É o que Chafe (1985), em seus estudos sobre oralidade, chama de envolvimento. Segundo o autor, durante a interação face a face, há envolvimento do falante consigo mesmo – ego-envolvimento –, envolvimento do falante com seu interlocutor e envolvimento do falante com o assunto. A escrita é, entretanto, na perspectiva de Chafe, marcada pelo distanciamento, devido ao fato de a pessoa que escreve não estar em interação direta com o seu leitor.

Já Tannen (1985) postula que o envolvimento (tratado pela autora como foco relativo de envolvimento) ocorre tanto na conversação espontânea como em textos escritos. O que acontece, segundo a autora, é uma diferença em relação ao grau de envolvimento que tende a ser maior na fala que na escrita. Assim como Tannen (1985), neste estudo, adotamos a perspectiva de que tanto a fala quanto a escrita carregam marcas de envolvimento das pessoas participantes de uma determinada situação de comunicação. Esse envolvimento aparece em graus variados nos diversos textos que circulam dentro de uma determinada esfera social, sejam eles de natureza oral ou escrita. Assim, temos os seguintes envoltimentos:

- Eu-falante/escritor consigo mesmo
- Eu-falante/escritor com tu-ouvinte/leitor

- Eu-falante/escritor com o dito (o mundo)
- Eu-falante/escritor com o dizer (o modo como se dá a formulação do texto)

Tendo em vista esse caráter interacional de todas as atividades linguageiras, neste estudo, procuramos agrupar sob um mesmo rótulo marcas presentes na estrutura textual das diversas produções escritas que se manifestam através de:

- 1) emprego de certos elementos presentes na gramática de uma língua que têm como função indicar a força argumentativa dos enunciados, os chamados operadores argumentativos (*e, também, ainda, mas, porém, contudo, por outro lado, pois, portanto, porque, já que, embora, além disso, etc.*);
- 2) pistas inscritas no enunciado que permitem ao enunciador recuperar implícitos textuais, os operadores de pressuposição (dentre esses incluem-se os operadores argumentativos, verbos da natureza de *ficar, começar, permanecer, continuar*, que indicam mudança ou permanência de estado, verbos denominados factivos, como *lamentar, sentir, saber* e alguns conectores circunstanciais, como *desde que, antes que, visto que*);
- 3) elementos que atuam como responsáveis pela atenuação da expressão lingüística, como os marcadores de atenuação (elementos que denotam incerteza, como: *assim, quer dizer, talvez, é possível, possivelmente, numa certa medida*, e alguns advérbios esvaziados de sua significação própria, como *realmente, (naturalmente)*);
- 4) elementos que dizem respeito ao grau de engajamento do sujeito empírico em relação ao conteúdo proposicional e sinalizam o modo como algo que se diz é dito, os modalizadores (*é certo que, é possível que, é claro que, é provável que, é lamentável que, provavelmente, lamentavelmente, etc.*);
- 5) elementos e enunciados de cunho avaliativo, que visam estabelecer uma relação direta com o dizer, com o dito e com o leitor;
- 6) expressões ou enunciados de caráter explicativo que explicitam para o leitor determinado elemento ou passagens do texto.

Embora os estudos lingüísticos desenvolvidos nos últimos anos tenham tratado especificamente da função exercida pelos marcadores de atenuação na língua falada, é possível transpor, para a análise da língua escrita, dados observados pelos analistas da conversação. Desse modo, na língua escrita, é possível encontrarmos elementos que exercem uma função semelhante aos elementos presentes na conversação, isto é, podemos encontrar em situações de comunicação escrita marcadores de atenuação. Tais elementos aparecem na superfície textual das produções escritas atuando como responsáveis pela atenuação da expressão lingüística e desempenham uma função específica na interação dos sujeitos comunicantes. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2000, p. 530), “todas as técnicas de atenuação dão uma impressão favorável de ponderação, de sinceridade”. Ou seja, visam estabelecer uma relação de confiabilidade entre os interactantes.

A função exercida por grande parte dos marcadores de atenuação é equivalente à exercida pelos elementos apresentados como modalizadores ou indicadores de modalidade. Esses indicadores estão relacionados à atitude do falante em face do enunciado por ele produzido, isto é, sinalizam o modo como algo que se diz é dito. Trata-se de um fenômeno que diz respeito ao grau de engajamento do sujeito empírico em relação ao conteúdo proposicional. O fato de haver tal engajamento não exclui, porém, a expectativa desse sujeito em relação à cooperação do leitor e em relação às crenças e opiniões ali veiculadas. Tendo em vista essa equivalência de função, postulamos que denominações diferentes (como marcas de subjetividade, modalizadores, marcas de atenuação) são empregadas por estudiosos da análise da conversação para caracterizar fenômenos tratados por nós como marcas de interatividade.

Essas marcas ou indícios de interatividade têm por função organizar a estrutura argumentativa de forma que a interação seja efetivada com sucesso, uma vez que elas constituem estratégias textual-discursivas utilizadas de forma intencional pelo sujeito do discurso a fim de estabelecer uma relação direta com seu interlocutor. Alguns elemen-

tos dessa natureza atuam ora como marcadores de subjetividade, quando evidenciam o ponto de vista defendido pelo sujeito empírico (eu-autor) em relação aos fatos discutidos; ora como marcadores de pressuposição, quando deixam subjacente à estrutura textual uma outra informação relevante que por estar pressuposta pode ser resgatada pelo leitor; ora como modalizadores, quando deixam marcado na estrutura textual o modo como o autor por meio do locutor diz alguma coisa; ora como marcadores de atenuação, quando a estratégia textual-discursiva empregada pelo autor visa resguardá-lo de algo que ele tenha dito; ora como marcadores argumentativos, quando a estratégia empregada visa organizar a estrutura argumentativa.

Todos os marcadores descritos anteriormente constituem indícios de interatividade e operam em favor da seqüência argumentativa – a estrutura argumentativa do texto vai sendo tecida com base nas estratégias de manifestação subjetiva, de modalização, de atenuação, no jogo de explícitos e implícitos e no emprego da polifonia, que introduz no texto um diálogo constante com outros locutores ou enunciadores. O fato de esses elementos serem tratados como marcas de interatividade na escrita se deve à função exercida por eles na estrutura textual e não ao elemento em si. Assim, podemos encontrar os mesmos elementos ou expressões, apontados por nós como marcas de interatividade, exercendo outras funções de caráter não interativo em diferentes estruturas textuais.

Outra estratégia textual-discursiva muito comum na estrutura textual dos diversos textos que circulam em uma determinada sociedade, as expressões de caráter avaliativo são utilizadas pelo locutor para estabelecer uma relação direta com o dizer, com o dito e com o leitor. Tais expressões interferem no modo como o locutor se situa em relação ao fato comentado e em relação ao seu enunciado, mantendo uma relação direta com a subjetividade, a modalização, a pressuposição e a argumentação. Trata-se de estratégias que deixam transparecer na superfície textual o sujeito empírico por trás do sujeito social.

Há, também, os enunciados de caráter explicativo que têm por

função explicitar para o leitor determinados elementos ou passagens do texto. Ao inserir em um texto um enunciado dessa natureza, o autor, sujeito empírico, procura passar para o leitor uma informação que julga ser relevante para a construção de sentido do texto e, como tal, faz parte da orientação argumentativa do texto. Elementos que atuam dessa forma visam fundamentar a argumentação e direcionar o leitor à conclusão proposta pelo autor.

Além de enunciados completos, temos também segmentos menores de textos que exercem função de interatividade: as expressões explicativas (os chamados apostos explicativos nas abordagens sintáticas). Tais expressões ora aparecem no interior de um enunciado de caráter explicativo ou avaliativo, ora aparecem desvinculadas desses enunciados, porém exercendo a função de explicar ou comentar determinado elemento do texto. Trata-se de uma estratégia textual-discursiva, cuja função é passar para o interlocutor uma informação complementar sobre determinado fato que ele talvez desconheça e que poderá comprometer a construção de sentido do texto, ou mesmo para explicitar o ponto de vista defendido pelo eu-autor a fim de que o leitor possa resgatar seus propósitos.

Alguns desses elementos podem ser melhor analisados no trecho a seguir, extraído do editorial “Barbárie Global”, publicado pelo jornal *Folha de S. Paulo* em 16 de maio de 2004:

O traço positivista que marca nossa sociedade científico-tecnológica nos leva a crer – *talvez ingenuamente* – num contínuo aprimoramento da civilização. Não há como negar que, da medicina de Hipócrates até os modernos antibióticos e transplantes cardíacos, se registraram avanços. (...)

Como pessoas mentalmente sãs evitam deixar-se fotografar em situações comprometedoras, *parece lícito concluir que* a tortura era generalizada. Em represália, extremistas islâmicos degolam um civil norte-americano que haviam tomado como refém. Colocam as imagens do bárbaro crime na internet. (...)

Essas são apenas as ocorrências da semana que ganharam maior visibilidade. Há em curso dezenas de outros conflitos e *presumivelmente* incontáveis demonstrações de barbárie, a maioria fora do alcance – ou do interesse – da mídia.

O ceticismo em relação ao progresso humano *talvez possa ser contrastado*, numa retrospectiva de maior amplitude, por alguns avanços incontesteáveis, *ainda que em quantidade e ritmo menor do que os desejáveis*.

Ao empregar, por exemplo, expressões como *talvez*, *parece lícito concluir que*, *presumivelmente*, que denotam o modo como o locutor se posiciona em relação ao enunciado, o sujeito do discurso (locutor) dá lugar ao sujeito empírico (autor), deixando transparecer o ponto de vista assumido por este em relação ao dito (envolvimento do eu-autor com o dito). Nesse caso é notória a estratégia argumentativa utilizada por esse sujeito, investido socialmente na função de editorialista, para se resguardar e resguardar a instituição que representa em relação ao dito. Além disso, as marcas deixadas na estrutura textual visam estabelecer uma relação direta entre o sujeito que escreve e os possíveis leitores do jornal.

O emprego do auxiliar *poder* em *talvez possa ser contrastado* constitui uma estratégia argumentativa de isenção de responsabilidade em relação ao dito. A aparente tentativa de não se comprometer em relação à informação veiculada através do texto nada mais é do que uma camuflagem da ideologia propagada pelos sujeitos (autores e locutores: responsáveis sociais pelo que está sendo dito) e as instituições que eles representam. O que vemos por trás do emprego de um auxiliar modal como *poder* é uma afirmação categórica (embora não tão explícita) em relação a algo. Além disso, é preciso lembrar que por trás de todo e qualquer discurso ecoa o discurso do outro, bem como a ideologia de um determinado grupo social e o acúmulo de informações que o sujeito falante adquiriu ao longo de sua vida.

Já a expressão *ainda que em quantidade e ritmo menor do que os desejáveis* constitui uma estratégia de interação utilizada pelo autor empírico, no papel social de editorialista, para estabelecer uma relação direta com o leitor do jornal e expressar o seu ponto de vista e o da instituição que ele representa em relação a um fato. O emprego de artifícios dessa natureza tem por objetivo levar o leitor a aderir ao ponto de vista ali defendido, pois “fala-se” em nome de uma instituição

legitimada pela sociedade na qual os interlocutores encontram-se inseridos.

A função textual-discursiva dessas marcas ou indícios de interatividade como marcadores discursivos, marcadores de pressuposição, marcadores de atenuação, modalizadores e expressões e/ou enunciados de caráter explicativo ou avaliativo é organizar a estrutura argumentativa de forma a garantir o sucesso da interação. Daí o fato de dizermos que as marcas de interatividade na escrita constituem estratégias textual-discursivas utilizadas de forma intencional pelo sujeito do discurso a fim de estabelecer uma relação com seu interlocutor. Para melhor visualizar o que estamos chamando de marcas de interatividade na escrita, observe o Quadro 1.

O objetivo deste quadro resumo é apresentar uma visão geral das marcas de interatividade na escrita. Nossa intenção não é esgotar todas as marcas possíveis – mesmo porque, cada situação discursiva atualiza determinados marcadores com função específica dentro dela –, mas mostrar que denominações diferentes são utilizadas nos Estudos Lingüísticos para designar elementos com função textual-discursiva semelhante que visam estabelecer uma relação direta entre autor e leitor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi visto no decorrer deste estudo, toda produção lingüística, falada ou escrita, carrega marcas ou indícios que tem por função estabelecer uma ligação direta entre o sujeito responsável pelo enunciado e seu enunciatário. Na fala, esses indícios são reforçados por recursos prosódicos e paralingüísticos e o sujeito falante conta com a participação imediata de seu interlocutor na construção do texto. Trata-se, portanto, de um processo marcado pela cooperação dos indivíduos envolvidos na interação. A construção textual é feita, pelo menos, a “quatro mãos”.

Quadro 1
Marcas de interatividade na escrita

Marcas de interatividade	Função	Elementos que integram
Operadores argumentativos	Indicam a força argumentativa dos enunciados	- Operadores de ordem gramatical que estabelecem idéia de: adição (<i>e, também, ainda, nem, não só...mas também, etc.</i>); alternância (<i>ou, ou então, quer...quer, etc.</i>); adversidade (<i>mas, porém, contudo, por outro lado, etc.</i>); conclusão (<i>pois, portanto, por conseguinte, etc.</i>); explicação (<i>porque, que, já que, pois, etc.</i>); comparação entre os elementos (<i>mais que, menos que, tão...como, etc.</i>); - advérbios e locuções adverbiais com caráter transfrástico (<i>embora, de fato, depois, primeiramente, de um lado, além disso, etc.</i>); - expressões de caráter temporal (<i>enquanto, por enquanto, etc.</i>)
Operadores de pressuposição	Determinam o "volume" da informação, visto que nem tudo precisa ser retomado em um discurso	- operadores argumentativos; - verbos que indicam mudança ou permanência de estado (<i>ficar, começar, permanecer, continuar, etc.</i>); - verbos denominados factivos (<i>lamentar, sentir, saber</i>); - alguns conectores circunstanciais (<i>desde que, antes que, visto que, já que, etc.</i>).
Operadores de atenuação	Atenuam a expressão linguística a fim de estabelecer uma relação de confiabilidade entre os interactantes.	<i>hedges</i> que se apresentam na forma de advérbios, locuções adverbiais ou mesmo expressões verbais e pequenas frases que introduzem um grau de incerteza ou mesmo imprecisão nos enunciados (<i>assim, quer dizer, vamos dizer, digamos assim</i>); <i>hedges</i> que expressam incerteza (<i>talvez, quem sabe, não sei, é possível (que), é provável, possivelmente, provavelmente, etc.</i>); <i>hedges</i> que apresentam ausência de intensificação (<i>numa certa medida, de certa forma, de certo modo, etc.</i>); - advérbios esvaziados de sua significação própria (<i>realmente, naturalmente, evidentemente, etc.</i>)
Modalizadores	Sinalizam o modo como algo que se diz é dito.	- Relacionados ao mundo objetivo (<i>é certo (que), é possível (que), é claro (que), é provável (que), é necessários (que), é improvável (que), provavelmente, possivelmente, etc.</i>); - Relacionados aos valores e opiniões do mundo social (<i>é desejável (que), é lamentável (que), etc.</i>); - Relacionados a uma avaliação de caráter subjetivo do conteúdo proposicional (<i>infelizmente, lamentavelmente, felizmente, etc.</i>)
Expressões e enunciados de cunho avaliativo	Estabelecem uma relação direta com o dizer, com o dito e com o leitor.	Apresentam-se na forma de elementos ou mesmo proposições avaliativas; variam de acordo com o conteúdo proposicional.
Expressões e enunciados de caráter explicativo	Explicitam para o leitor determinado elemento ou passagens do texto.	Apresentam-se na forma de elementos ou proposições de cunho explicativo; variam de acordo com o conteúdo proposicional.

Já na escrita, outros recursos são utilizados para estabelecer esse vínculo direto entre os interactantes, pois os interlocutores estão, muitas vezes, separados no espaço-tempo da matéria impressa. O sujeito que escreve geralmente tem em mente seus possíveis leitores e procura construir o texto de forma a garantir a interação com eles, independentemente da distância física e/ou temporal que os separa. Desse modo, procura deixar pistas na superfície textual que vão orientar o leitor na construção de sentido do texto, para que a interação seja bem-sucedida, ou seja, há também na escrita uma cooperação mútua do autor e do leitor em relação à construção de sentido do texto.

Assim como Marcuschi (2001b, p. 11), acreditamos que essas pistas lingüísticas encontradas na superfície textual de diferentes gêneros textuais, “mais que simples marcas estilísticas são atos de fala (formas de ação) que fazem propostas, negociações, contratos e definem posicionamentos para uma relação intersubjetiva ou interação comunicativa mais eficaz”. Adotamos também a perspectiva de Bakhtin de que a linguagem é essencialmente dialógica. Toda produção languageira, seja ela concebida nos moldes orais ou escritos, é marcada por essa dialogicidade, pois o princípio fundamental da linguagem é estabelecer a interação entre os indivíduos.

Todos os elementos apresentados neste estudo sob o rótulo de marcas de interatividade na escrita têm como objetivo organizar a sequência argumentativa dos textos – todos eles operam em prol da argumentatividade. A frequência com que esses elementos aparecem na estrutura textual pode variar de acordo com o gênero textual e com os propósitos comunicativos do enunciador. Assim, a ocorrência desses elementos nas diversas produções lingüísticas tende a variar nos diversos textos que circulam dentro de uma sociedade. Em alguns textos, como as cartas pessoais, a frequência com que esses elementos aparecem na superfície textual tende a ser maior, dada a relação de proximidade já existente entre os interactantes e pressuposta pelo próprio gênero.

Desse modo, postulamos que as marcas de interatividade na escrita

constituem um aspecto central do processamento lingüístico de um texto, visando organizar a estrutura argumentativa e assegurar a compreensão do leitor. Integram, de acordo com Silva (2002, p. 158), um “jogo de atuação interativa, discursiva, cognitiva e enunciativa engendrado num evento comunicativo”, ou seja, envolvem o processamento da informação veiculada por meio do texto. Além de organizarem a estrutura textual, essas marcas buscam aproximar os interlocutores ao se constituírem como estratégias de textualização, sendo, portanto, indispensáveis para a construção de sentido do texto.

ABSTRACT

This paper consists of examination of the a number of elements found in the surface of the various spoken or written language-wise productions, which constitute actual signs of interactivity. It is about a discursive and textual strategy which, in addition to establishing a direct relation between the interlocutors involved in a communicative event, aims to organize the argumentative structure of the texts, in order to ensure the success of interaction.

Key words: Interactivity marks; Argumentation; Discursive and textual strategy; Dialogism.

Referências

- ARISTÓTELES. A arte retórica e a arte poética. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- AUSTIN, J. L. Quando dizer é fazer. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BARROS, Diana Luz Pessoa. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, Diana L. Pessoa; FIORIN, José Luiz (Org.). Dialogismo, polifonia e intertextualidade. São Paulo: Edusp. 1999. p. 1-9.
- BENVENISTE, Émile. Problemas de lingüística geral II. Campinas: Pontes, 1989. p. 68-90.

- CHAFE, Wallace. L. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: OLSON, David; TORRANCE, Nancy; HILDYARD, Angela. *Literacy, language and learning: the nature and consequence of reading and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 105-123.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 1988.
- DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Marcas de interatividade no processo de textualização na escrita*. Recife: UFPE, 2001b (mimeografado).
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, A. T. de (Org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989. p. 281-321.
- PERELMAN, Chaim; Olbrechts-Tyteca, Lucie. *Tratado da argumentação*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ROSA, Margaret. *Marcadores de atenuação*. São Paulo: Contexto, 1992.
- SILVA, Jane Quintiliano. *Um estudo sobre o gênero carta pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita de textos*. 2002. 208 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.
- TANNEN, Deborah. *Coherence in spoken and written discourse*. Norwood: Ablex Publishing Corporation, 1984. p. 3-41.